

Ao vencedor, as batatas. E mais nada

Qual a importância de um festival, hoje, na carreira comercial de um filme? Nenhuma, se formos analisar os resultados de bilheteria dos últimos ganhadores de eventos como os de Brasília ou Gramado. O exemplo mais recente é o de *Stelinha*, dirigido por Miguel Faria Jr., que na edição do Festival de Cinema de Gramado de 1990 obteve 12 kikitos, entre os quais os de melhor filme concedido pelo júri oficial e da crítica e o de melhor atriz para Esther Góes. O filme foi lançado no Rio de Janeiro no primeiro semestre deste ano e permaneceu em cartaz por apenas uma semana, contrariando todas as previsões otimistas da rede distribuidora Luiz Severiano Ribeiro.

Ao olharmos a produção mais recente do cinema brasileiro a vista se turva um pouco mais. O que foi feito de obras como *Festa*, *O Mentiroso*, *A Dama do Cine Shangai*, *Memória Viva*, *Escorpião Escarlata*, *O Beijo*, *Anjos da Noite*, todos ganhadores de prêmios principais como os de melhor filme, direção ou ator e que, depois de causarem comoção no público dos festivais caíram no esquecimento. Lançados no circuito comercial essas obras emplacaram pouco mais que uma ou duas semanas de exibição.

Alguns dos títulos ainda nem saíram das gavetas dos cineastas, como *Escorpião Escarlata*, dirigido por Ivan Cardoso, que espera dias melhores para colocar seu filme no mercado. Ou *Memória Viva*, de Otávio Bezerra, que dividiu o prêmio de melhor filme com *O Mentiroso* no XXI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e do qual nunca mais se ouviu falar.

Há que se constatar, o cinema brasileiro, há alguns anos, só causa comoção em algumas dezenas de espectadores dos festivais. Nem sempre foi assim. Nas décadas de quarenta e cinquenta as chanchadas da Atlântida não tinham o respeito da crítica mas tinha, o carinho do público que cultuava ídolos como Oscarito, Grande Otelo e Zé Trindade como hoje se cultua Tom Cruise ou Kevin Costner.

Nos anos 60 o cinema brasileiro era reverenciado pela crítica. Inclusive a internacional e isto parecia bastar para a indiferença das platéias frente ao Cinema Novo. Decolamos nos anos 70 com a intenção da Embrafilme em transformar o produto cinematográfico brasileiro como algo rentável. Algumas tentativas surtiram efeito como *Lúcio Flávio*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *A Dama do Lotação*. Mas o gênero que realmente rendia era a porno-chanchada, produzida na Boca do Lixo e



A bilheteria do filme *A dama do cine Xangai* ficou abaixo das expectativas apesar dos prêmios

A década de 80 foi a de desencanto total. O cinema brasileiro não tinha mais nem prestígio da crítica, nem do público. O presidente da República eleito em 1990 se encarregou de dar o tiro de misericórdia com a extinção da Embrafilme privando o cinema de distribuição e de órgão financiador. Restaram meia dúzia de produções anuais, em média, além daqueles realizados pela "turma" da TV: Xuxa, Trapalhões e, mais recentemente, Faustão. Mas isso não é cinema, é "marketing" e nem as crianças aguentam mais as piadas infames dos heróis da telinha.

Quanto menos produtos lançados no mercado, maior a desatenção do público para com as obras produzidas em terras nacionais. Até mesmo as boas exceções como *Stelinha* se perdem no vácuo da má-distribuição e dos lançamentos apressados. O cinema brasileiro, neste momento, não precisa de festivais que premiarão obras fadadas ao esquecimento. Tem necessidade é de incentivos à produção, de eventos que realmente resultem em reflexões e análises.